

TL17

Solidariedade com **TIMOR-LESTE**



HAMUTUK HO TIMOR
Amadora-13 a 21 de Novembro 1993





Um dever geral de solidariedade

O Povo de Timor merece a nossa solidariedade. Temos essa obrigação humana, política e nacional. Três bons motivos para uma comemoração dos direitos humanos.

A Amadora é uma das terras mais solidárias. Muitos de nós acompanhamos de perto este drama de todo um povo.

A solidariedade entendemo-la como um dever geral e universal: toda a Humanidade deve prestar esta justiça aos timorenses, sacrificados irracionalmente à nossa vista.

Divulgar Timor por todos os meios, da fotografia às artes plásticas, da música à dança — eis uma obrigação nossa, que muito nos honramos por cumprir nesta Semana de Solidariedade.

A Amadora orgulha-se dos seus actos de justiça e este é sem dúvida um deles.

O Presidente da C.M.A.

Dar corpo à nossa solidariedade para com o povo timorense, para com a sua luta pela liberdade, pela autodeterminação e pela sobrevivência, não pode ficar circunscrito a meras palavras de circunstância, antes reclama acções concretas, palpáveis e visíveis.

É neste quadro que se insere a diversificada programação que, em conjunto com a comunidade timorense residente em Portugal, a Câmara Municipal da Amadora ora abraça, associando-se, por esta via, à evocação do 2.º Aniversário do Massacre de Santa Cruz, em Dili, consumado a 12 de Novembro de 1991, pelo regime fascista de Suharto.

Levar a efeito estas iniciativas assume, necessariamente, um desejo de afirmação do direito dos povos à liberdade e à livre escolha do seu destino, e de denúncia de toda repressão a que, para se perpetuarem, recorrem regimes que só a força sustenta. Firmes defensores daqueles direitos, é com orgulho que, nesta ocasião, estreitamos os laços que nos unem a todos os timorenses, hoje a viverem na primeira linha um combate decisivo para o futuro de um povo que aspira à mais elementar dignidade.

O Vereador
do Pelouro da Cultura

Fernando Teixeira Pereira

*Se a terra pudesse falar
falaria por nós.*

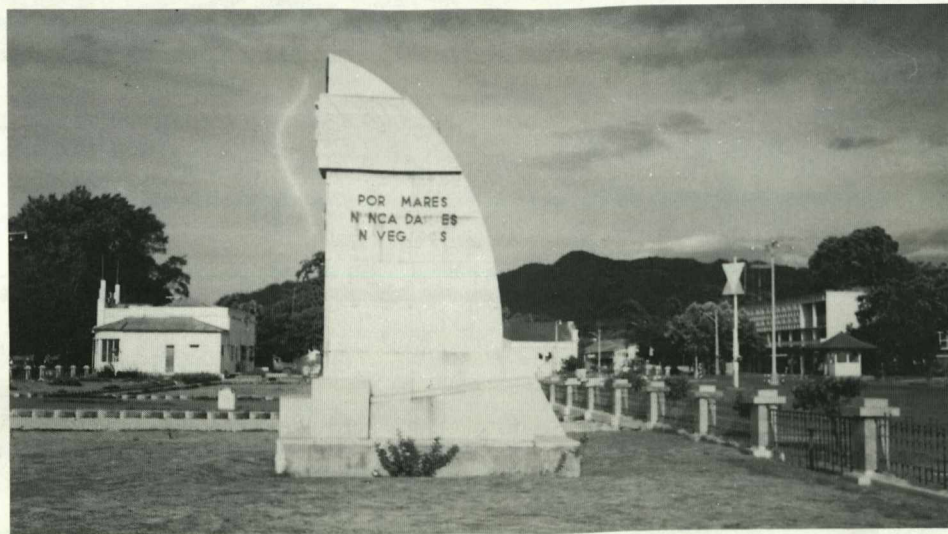
*Diria, como nós, que os anos
forjaram o compromisso de vida que nos une.
Foi o nosso trabalho que fez da terra o que ela é;
E foram os seus frutos que nos deram vida.
Nós e a Terra somos um ente único!*

(Trecho do poema - SONS DO VALE - de autor desconhecido)





**Um povo. Uma cultura.
Anos de luta e sofrimento.
Uma realidade que não pode
ser ignorada. Erguem-se vozes
em busca de uma solução
justa e rápida... que não
chega, mas há uma identidade
cultural a preservar!**



...os Portugueses e Timor

A presença portuguesa na Ilha de Timor data do século XVI, através da chegada de Missionários, sobretudo os da ordem Dominicana. Contudo, é a partir do século XIX com a cultura do café que a administração portuguesa atinge um maior domínio e penetração na ilha.

A par com a religião cristã, também a língua e os valores referen-

ciais da cultura portuguesa começam a ser enraizados pelo povo maubere, através do ensino nas escolas. Esta penetração é mais visível nos meios urbanos do que no interior.

Durante quatro séculos, a presença portuguesa em Timor refletiu-se na sociedade, no seu modo de vida e modificou as suas estruturas.

Foram muitos anos de domínio, mas a unidade e a soberania de Timor Português não foram colocados em causa, nem se registaram atitudes contra a nossa presença na ilha.

Com a abolição da ditadura, em 1974, Portugal preparava-se para dar a independência às suas antigas colónias, mas em Timor surgem dificuldades levantadas pela Indoné-



...ontem e hoje

sia, em relação ao domínio do território, para quem só existiam duas soluções: ou a união com a Indonésia ou a continuação com Portugal.

A Invasão

Em 1975 a ilha é invadida e ocupada pela Indonésia. É o início da violação dos direitos humanos do

povo maubere e o atentado à sua identidade cultural, através da imposição forçada dos valores indonésios.

A partir daí, o povo tem vindo a lutar pela defesa do seu direito à autodeterminação e independência.

Muitos timorenses foram forçados a abandonar o território onde nasceram e cresceram. Alguns procura-

ram refúgio e protecção em Portugal, contudo a falta de estruturas de apoio para os acolher, levou-os em direcção a outros rumos em busca de melhores condições de sobrevivência.

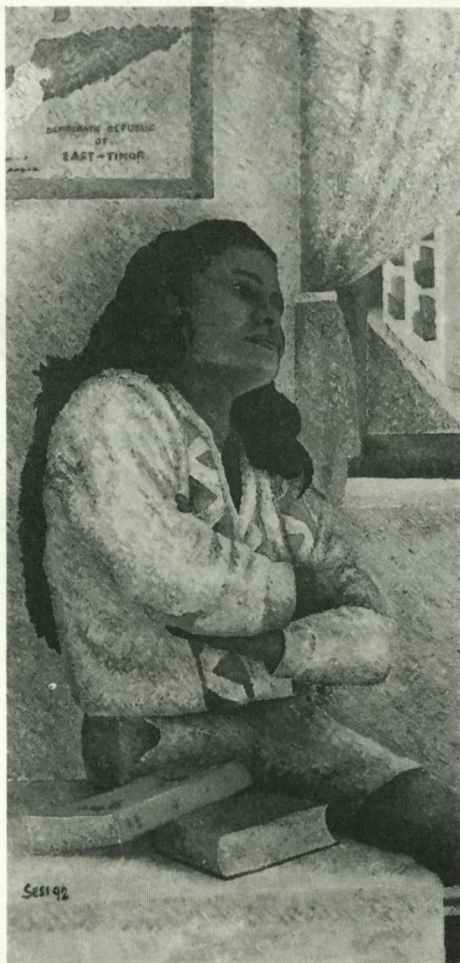


O Massacre de Santa Cruz. É preciso dizer NÃO à indiferença.

O massacre de Santa Cruz, em 1991, veio alertar, uma vez mais, a comunidade internacional para o sofrimento e opressão de que o território ocupado é vítima.

A gravidade da situação que se vive em Timor Leste foi em Portugal objecto de intervenção por parte do Governo, mas muitas outras vozes de protesto foram erguidas contra as violações dos direitos humanos, em Timor Leste. A solidariedade «saíu à rua»... Não podemos ficar indiferentes ao que se passa.

A situação é grave. É necessário uma solução rápida e justa. O diálogo político deve prosseguir. É tempo de se fazer dia...



A Comunidade Timorense na diáspora

Devido ao conflito armado que ocorreu em Agosto de 1975 e, sobretudo devido à invasão em Dezembro pelas tropas indonésias, muitos timorenses abandonaram a sua terra natal: Timor-Leste.

Seguir um rumo era a palavra de ordem. Encontrar um novo modo de vida. Diversos factores, levaram a que milhares de famílias timorenses se instalassem em Portugal, país que durante cinco séculos manteve a administração sobre Timor Leste.

Assim, a maioria da comunidade

timorense que compõem a actual diáspora, encontrou em Portugal o primeiro país de acolhimento, vindo mais tarde a deslocar-se para a Austrália em busca de melhores condições de existência.

Hoje, a Comunidade Timorense da Diáspora soma cerca de 17.000 Timorenses, estando a viver na Austrália cerca de 15.000.

Os números apontam para a residência em Portugal de cerca de dois mil timorenses.



Convém frisar que a falta de condições de sobrevivência, mais concretamente a falta de emprego, a inexistência de formação sócio-profissional levaram a que inúmeras famílias residentes em Portugal se deslocassem para a Austrália. Tudo pela procura de condições humanas de vida.

A falta de planeamento adequado e de uma política de inserção sócio-cultural, aliada à falta de intervenção das autoridades competentes tem contribuído para a saída dos

Timorenses. Este panorama tem vindo a inverter-se.

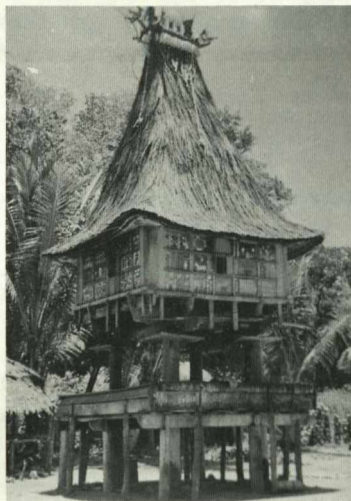
No entanto, passados 18 anos de mudança, o desejo de regressar, o participar na reconstrução de Timor Leste e a necessidade de impulsionar a criação de projectos culturais com vista a salvaguardar a cultura e identidade é o sentimento comum da comunidade timorense na diáspora.

Por isso a comunidade timorense procura manter viva a sua cultura, e participa de modo muito activo,

na divulgação da actual situação que Timor Leste atravessa, alertando a opinião pública portuguesa e internacional para o drama do povo Timorense e para os crimes que a Indonésia tem vindo a cometer.

O Massacre do Povo Timorense tem que parar. Todos os meios utilizados para que este povo «volte a ser povo» são aceites.

É necessário estarmos receptivos e sensibilizados para este problema que embora longe geograficamente está perto de nós socialmente.



Situação Social

Estamos em 1976, e o alojamento para as famílias timorenses era feito no Vale do Jamor e Linda-a-Velha. Em 1989 eram transferidas para o Bairro de Laveiras, Caxias.

Mais tarde e apoiadas pela Cruz Vermelha Internacional chegavam a Portugal mais famílias. Uma foram alojadas em pensões, outras em habitações sociais.

Apesar de tudo o panorama não era o mais animador. As dificuldades financeiras continuavam.



Educação

A alfabetização é outra das áreas que tem merecido atenção.

A aprendizagem da língua portuguesa é fundamental para que sentimentos como o isolamento, a insegurança, a instabilidade e a frustração não façam parte do quotidiano da Comunidade Timorese.

Assim, em 1988 e 1989 foram apresentados projectos para a realização de cursos de alfabetização especificamente para a formação profissional de adultos, com o apoio do Fundo Social Europeu.



A Reunião Familiar

Falar do povo Timorense é falar de uma comunidade. Comunidade é falar da família.

Devido à Guerra Civil, pais e filhos, maridos e mulheres, irmãos e irmãs, seguiram destinos diferentes. Uns ficaram em Timor, outros fugiram para a Austrália e para Portugal.

Perante este panorama de dispersão das famílias era urgente encontrar o caminho para a reunião familiar.

A criação de um plano de apoio a estas famílias torna-se deste modo difícil, devido à dispersão que caracteriza o seu alojamento.

No sentido de se encontrar uma solução para este problema têm vindo a ser feitas várias acções de pesquisa onde o apoio da Cruz Vermelha Portuguesa e da Cruz Vermelha Internacional tem sido determinante.

Emprego e Formação Profissional

Também nesta área a Comunidade Timorense depara-se com situações delicadas.

Numa Comunidade onde o desemprego é dominante, a aposta tem sido na formação profissional.

Cursos de pedreiro, carpinteiro, canalizador, etc., têm levado muitos timorenses a conseguir um posto de trabalho.

Infelizmente muita dessa mão-de-obra acabou por emigrar para a Austrália.

Durante 1987 funcionaram outros cursos, para jovens dos 18 aos 25 anos, com o apoio do Fundo Social Europeu.

Com os mais jovens o trabalho realizado tem pretendido criar condições de adaptação desses jovens no mundo escolar. Para isso é necessário ter-se em conta que se está

perante seres que entram num «mundo ocidental», onde a sua cultura, as suas tradições, a sua própria vida se encontram abaladas.



Amadora na rota da diáspora

Os Timorenses que conseguiram sair de Timor Leste, como já foi anteriormente referido residem hoje maioritariamente em Portugal e na Austrália.

Dois mil espalhados de Norte a Sul de Portugal.

Entre o percurso escolhido pelas famílias timorenses para residirem, a Amadora também tem um lugar importante.

Na Amadora, e mais concretamente em duas das suas Freguesias residem 174 timorenses.

Na Freguesia de Alfragide encontram-se a residir 15 agregados familiares, num total de 58 timorenses.

Na Freguesia da Venteira residem actualmente 116 timorenses, cerca de 32 agregados familiares.

A Autarquia também ergueu a sua voz na luta de solidariedade para com o povo maubere.

Após um ano sobre o massacre de Dili, a Câmara Municipal inaugurou na Freguesia da Mina a Rua de Dili, em memória das vítimas do atentado aos direitos humanos. Agora, surge uma outra iniciativa a favor de Timor.



17 Anos de luta

O combate dos timorenses pela solidariedade mundial

Numa luta complexa como é qualquer luta de libertação nacional, uma das vertentes mais decisivas para o bom sucesso é a da opinião pública.

O Povo timorense desenvolve esta frente desde há quase tantos anos quantos os dezassete anos de combate interno, quer com armas quer sem armas, em torno de uma política de esclarecimento e de mobilização dos timorenses que estão dentro do território em condições desumanas, em risco de vida e sofrendo os mais duros golpes contra os seus mais elementares direitos de seres humanos.

Não é fácil lá dentro manter a coesão nacional, nestas condições duríssimas e fatais.

Como se tem visto.

E não é fácil cá fora obter a solidariedade que lhes é devida por natureza mas que a nossa indiferença, os vários egoísmos, e os interesses económicos internacionais apagam do horizonte internacional.

O que se lamenta e se denuncia, porque desumano.

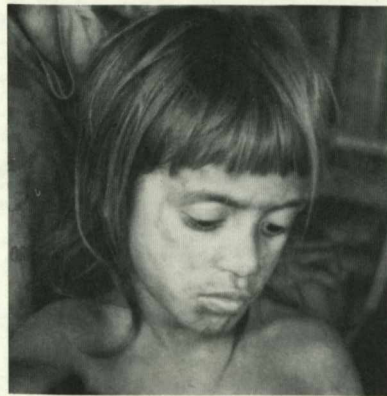


Tudo começa em 7 de Dezembro de 1975.

Os cenários são de crime, mas a opinião pública não reage logo. Apesar de ter havido testemunhas imparciais, e apesar de se tornar cada vez mais claro que a Indonésia preparava o genocídio. E apesar da denúncia imediata de Portugal, nas Nações Unidas (7 de Dezembro de 1975!), ao que esta Organização Mundial reagiu bem: em 22 de Dezembro desse ano aprova uma célebre Resolução em que apela aos governos toso para que respeitem a integridade territorial de Timor Leste, pedindo ao governo indonésio que retire, sem demora, todas as suas tropas do território (*sic*).

Outras instâncias internacionais se mostram favoráveis à oposição dos timorenses. Por todas, citem-se o parlamento Europeu, a União Inter-Parlamentar, a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, a Assembleia Parlamentar da União Europeia Ocidental...

Vários jornalistas e outros observadores internacionais imparciais têm sido visita do povo de Timor.



Parlamentares portugueses e responsáveis políticos de outros países visitam o território.

A diplomacia dos timorenses insiste em esclarecer a opinião pública mundial.



Portugal, Austrália, Japão, Estados Unidos, Canadá e França são os pontos mais fortes.

A Comunidade Europeia e as Nações Unidas são naturalmente duas das principais frentes desse combate pela solidariedade internacional.

O Vaticano fala de diálogo necessário. A Holanda e a Grã-Bretanha falam de sérias preocupações. Nel-

son Mandela apela à solução no quadro da ONU. A Amnistia Internacional testemunha e denuncia.

Os timorenses querem ir mais longe nesta frente.

Os seus objectivos passam por desencadear um amplo movimento que procure, entre outras metas:

- estudar e aprofundar a temática de Timor Leste, de modo a aumentar a sua consciência e a ampliar a

sua acção sobre o problema.

- divulgar os conhecimentos sobre Timor na sua escola, na sua associação, na sua localidade ou no estrangeiro;

- associar às organizações de solidariedade já existentes;

- criar grupos locais de reflexão e divulgação da questão de Timor.





Cronologia ocupação

1974

Abril

25 Fim do regime ditatorial em Portugal.

Outubro

14 Começo da Operasio Komodo, plano indonésio de anexção de Timor-Leste.

1975

Agosto

20 Transferência da administração portuguesa de Dili para a ilha de Atauro.

Novembro

28 Declaração unilateral da independência de Timor-Leste por parte da FRETILIN.

1976

Março

- 31 A nova Constituição Portuguesa dedica o seu artigo 307 à «Questão de Timor-Leste».

Julho

- 17 Publicação do decreto presidencial que consagra, na lei indonésia, Timor-Leste como a 27.^a província da República.

Outubro

- 9 Abertura das negociações entre os governos da Indonésia e da Austrália, sobre os limites das respectivas fronteiras marítimas.

1978

Dezembro

- 12 Fim das transmissões da Rádio Maubere, único meio de comunicação entre a Resistência armada e o mundo exterior.
- 22 Reconhecimento *de jure* da integração de Timor-Leste na Indonésia, por parte do governo australiano.

1979

Março

- 24 Primeira autorização para uma visita do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV).

Julho

Indonésia divulga o seu censo populacional. É internacionalmente reconhecido que cerca de 1/3 da população timorense fora dizimada pela guerra e pela fome.

Dezembro

- 25 Acusações de que o exército indonésio usa *napalm* em Timor-Leste (jornal «Times»).

1980

Dezembro

- 9 Saída do CICV de Timor-Leste, por exigência dos ocupantes.

1981

Começo da Operasi Keamanan, envolvendo milhares de timorenses forçados a servir de «escudo humano» à frente do exército indonésio.

Dezembro

- 20 Recomeço das actividades do CICV, tendo agora como preocupação o campo de concentração instalado na ilha de Ataúro (cerca de 4.000 pessoas, de acordo com o próprio CICV)

1982

Abril

- 2 Criação, na Assembleia da República, da Comissão Eventual para Acompanhamento da Situação em Timor-Leste.

1983

Agosto

- 21 Massacre de Kraras, um dos mais bem documentados e no qual foram assassinadas cerca de 300 pessoas.

1984

Março

- 31 Anúncio da preparação de conversações entre Portu-

gal e a Indonésia sob os auspícios do Secretário-Geral da ONU, no âmbito da resolução 37/30 da ONU.

1985

Janeiro

- 1 Documento assinado pelo Conselho Presbiterial da Diocese de Dili, denunciando a violação dos direitos humanos e a indoneisianização forçada da sociedade timorense

Setembro

- 24 Primeiros contactos oficiais entre delegações de Portugal e da Indonésia, sob os auspícios do Secretário-Geral da ONU.

Dezembro

- 9 Anúncio oficial da decisão dos governos de Jacarta e Camberra de partilharem os recursos petrolíferos do Mar de Timor.

Dezembro

- 7 Invasão formal de Timor-Leste, por terra, mar e ar. Fuga de cerca de 80% da população para as zonas montanhosas, onde se organiza sob a orientação da FRETILIN e das FALINTIL (braço armado da FRETILIN). Encerramento das fronteiras de Timor ao mundo, permanecendo o território isolado durante 13 anos.
- 8 Saída da administração portuguesa de Ataúro, de regresso a Portugal.
- 12 Resolução 2485 da Assembleia-Geral da Onu sobre Timor-Leste.
- 22 Primeira resolução (384) do Conselho de Segurança da ONU sobre Timor-Leste, exigindo a retirada das tropas indonésias do território.



1986

Março

- 31 Formação da Convergência Nacionalista Timorense (CNT), plataforma política acordada entre dirigentes da FRETILIN e da UDT no exterior do território.

1987

Dezembro

- 24 Hasteada em Dili a bandeira portuguesa, durante a costumada visita do General Beni Murdani à cidade, no Natal. Segue-se uma violenta repressão.

1988

Dezembro

- 12 Visita de Suharto a Timor-Leste: cerca de 3.000 pessoas são presas antes, durante depois da visita.

1990

Setembro

- 4 Manifestação nacionalista no final da cerimónia religiosa comemorativa dos 50 anos da Diocese de Dili.

1991

Fevereiro

- 22 Portugal apresenta uma queixa no Tribunal Internacional de Justiça contra o Tratado do Timor Gap

Novembro

- 12 Massacre de Santa Cruz: mais de 150 jovens timorenses assassinados pelo exército da Indonésia.

Aspectos da Cultura Timorense

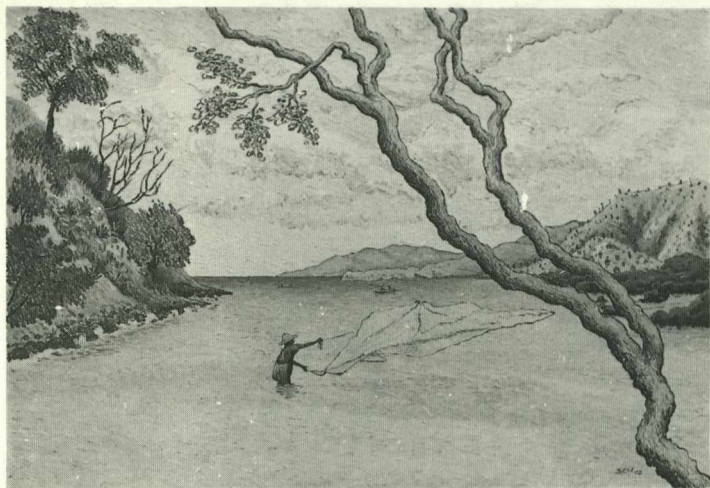
- artes plásticas
- artesanato
- gastronomia
- teatro



Os 17 anos que passaram sobre a ocupação Indonésia de Timor não apagaram a identidade cultural e história da comunidade timorense. Um verdadeiro milagre se considerarmos as adversidades que as famílias timorenses enfrentam. Depois de abandonarem tudo o que tinham, fugindo à prisão, à tortura, à violação sexual, enfrentam agora o desemprego, o desenraizamento sócio-cultural, condições de vida precária a diversos níveis, etc..

Estes problemas têm repercussões particularmente graves junto da juventude e crianças timorenses. As frágeis recordações que guardam de Timor, que muitas vezes são mais o resultado do que se conta do que o que se viu, correm o risco de se diluírem definitivamente face às agressões quotidianas da designada cultura ocidental.

Felizmente, a esperança é a última a morrer. Os timorenses continuam a manifestar a sua vontade férrea de afirmação de uma vivência cultural comum que dá corpo a uma identidade própria. Onde assentam arraiais reconstroem a sua Ilha e oferecem o que dela conseguiram trazer: a música, a dança, o teatro, o artesanato, as suas cores, formas e sabores.





A Ilha na pintura de Sebastião da Silva

Sebastião da Silva nasceu em Dili, em 1963. Abandonou Timor em 1982, depois de se ter empenhado na luta contra os invasores da sua terra natal. A diáspora levou-o de Dili para Jacarta, depois para Lisboa, depois ainda para Darwin, na Austrália, e, no ano passado, novamente para Lisboa.

Foi nessa altura que Sebastião da Silva expôs pela primeira vez o seu trabalho. Com o apoio da Fundação Borja da Costa, e a solidariedade de outros artistas seus patrícios, o jovem timorense monta uma exposição em Belém, no «Padrão dos Descobrimentos».

A sua pintura, que retrata paisagens e Timor e das suas gentes, é uma forma de luta contra o esquecimento e uma embaixada dessa ilha, ora meio submersa sob a violência e o terror indonésio. Não frequentou nenhuma escola de belas artes, nem segue nenhum estilo particular, diria Camões que é «saber de experiência feito».



Arquitectura Timorense

Pedro Manuel Gonçalves Tolentino, professor, e João Filipe Gonçalves Tolentino, arquitecto, são autores de uma exposição sobre arquitectura tradicional timorense, sob a forma de um conjunto de maquetes de habitações. Os dois génios portugueses têm acompanhado o problema de Timor desde 1977, através de um contacto directo com a comunidade timorense residente em Portugal.

Entre os aspectos que mais particularizam esta arquitectura tradicional são de salientar a total ausência de pregos, cuja função é assegurada por cordas e lianas vegetais, a construção sobre pilares e a integração harmoniosa das habitações na paisagem, pos-

sivelmente uma das traduções que assume a forte identificação entre o homem e terra que marca a cultura timorense.

Esta exposição, inicialmente pensada e realizada para os alunos de uma escola de ensino preparatório e secundário de Queluz, tem integrado diversos eventos ligados a Timor contribuindo para divulgar a cultura deste povo. No início deste ano, um novo passo foi dado nesse sentido com a recolha e reunião de materiais audiovisuais, documentais e de obras sobre Timor, que constituem o embrião do futuro «Centro de Documentação e Divulgação da Cultura em Timor».



Danças e cantares pelo Grupo Taci Feto Taci Mane

Mar Mulher Mar Homem: é o nome deste grupo, fundado em 88, uma homenagem ao mar manso (da costa Norte) e ao mar bravo (da costa Sul) de Timor.

Neste grupo, os mais velhos transmitem o sentir do movimento e do ritmo da sua terra aos mais jovens, muitos já nascidos em Portugal, nesta diáspora que querem terminar para voltarem à Pátria.

Ao longo da sua existência, o «TACI FETO TACI MANE» tem vindo a actuar, em diversas ocasiões, a convite de instituições oficiais e privadas, participando em festas de beneficência, encontros de sensibilização e em festivais internacionais e nacionais de folclore.

Música de Timor pelo Grupo Kdadalak



A palavra kdadalak significa 'regato'. É o nome adequado para o grupo que traz toda a espécie de sonoridade da sua terra. O grupo formou-se em Portugal e é composto por trinta elementos.

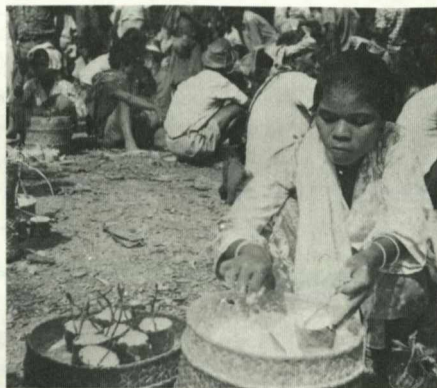
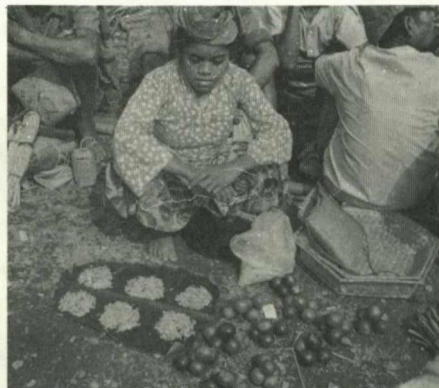
A dança, o canto, o teatro são as suas formas de expressão. Trazem canções de carácter rural, de melancolia da proeza, e, da história recente deste Povo, retiram os apelos à unidade nacional, em metáforas profundas.

O sentido musical dos timorenses acompanha-os em todas as situações da vida e, mesmo na diáspora, a sua música, as suas canções e os seus cantares continuam sempre presentes. Cantar e dançar fazem parte dos vários aspectos da sua actividade e vivência social.

A criança timorense é iniciada na música e na dança desde o momento em que começa a participar na vida social da sua comunidade; praticamente, desde o colo da mãe que lhe canta as canções de embalar.

A música timorense é essencialmente vocal, ou melhor, coral-coreográfica, pois, toda a manifestação musical está sempre ligada à dança. Dança-se cantando em coro alternado de homens e mulheres.

A esta forma de música dá-se o nome de TEBE que em tétun significa dar pontapé. Cantar diz-se, em tétun, hananu. Cantar dançando diz-se TEBE, isto é, dar pontapé cantando. Mas, TEBE tanto pode significar canção como dança-canção.



Gastronomia Tradicional

A mesa é um local de encontro e de convívio. O que se serve, a gastronomia, espelha a riqueza, potencialidades e as tecnologias locais. Ela acompanha os principais momentos da vida de qualquer comunidade e, conseqüentemente, ela é objecto de uma atenção particular na medida em que através dela se promovem, também, as tradições dessa comunidade.

O grau de elaboração dos alimentos, a sua apresentação, revelam ainda a forma como essa comunidade acolhe o outro, o seu grau de tolerância face à diferença, defenindo também por essa via a sua entidade cultural. Fica o convite para uma experiência de paladares que lhe revelará uma outra faceta de Timor.

BOEK SINGA (PETISCO DE CAMARÃO)

1 kg de camarão
50 gr. de tamarindo
5 dentes de alho
1 cebola média
2 colheres de sopa de banha
sal q.b.
piri-piri ao gosto
2 dl de água morna para dissolver o tamarindo

Lave os camarões e retire-lhes as patas e os bigodes. Dissolve-se o tamarindo na água morna e separa-se o caroço do molho.

Num tacho aquece-se a banha e refoga-se a cebola e os alhos já picados. Deita-se os camarões no refogado e por fim o molho do tamarindo, sal e o piri-piri. Deixa-se cozer os camarões nesse refogado durante 10 m em lume brando. Assim que o molho estiver bem apurado retire do lume e serve-se quentinhos acompanhado de *tua mutin* (vinho de palmeira). Não havendo *tua mutin* acompanha-se com um bom vinho branco bem fresquinho.

MODO BEM (ÁGUA E SAL) — SOPA DE CARNE

Carne (parte que tem mais osso)
Legumes (pode ser: repolho, nabiça, couve portuguesa ou grelos de couve e aipo)
1 cebola pequena
Gengibre esmagado - ao gosto
Sal - ao gosto
Molho de tamarindo - 1 dl.
Água para cozer a carne (depende da porção da carne)

Coze-se muito bem a carne (pode cozer na panela de pressão). Depois de cozida dessossa-se.

Se for necessário, junta-se mais água e deixa-se ferver. De seguida, junta-se a hortaliça, o aipo, o gengibre e a cebola e deixe ferver até cozer as hortaliças. Depois da hortaliça cozida é que se tempera com o sal e o tamarindo. Deixa-se ferver cerca de 5 minutos e está pronto a servir.

Este caldo pode-se comer no lugar de sopa ou então serve-se à meia-noite, porque nas festas em Timor é costume servir um caldinho à meia-noite.

SASSATE (ESPETADA DE CARNE COM MOLHO ESPECIAL)



Para obter 1/2 l. de molho é necessário:

- 100 gr. de tamarindo
- 50 gr. de amendoim moído
- 1 cebola média picada
- 4 dentes de alho picado
- Sal q.b.
- Piri-piri q.b.
- 3 folhas de hortelã
- 1 colher de óleo de cozinha ou banha
- 4 colheres de sopa de molho de soja
- 1 colher de chá de farinha de mandioca
- 5 colheres de sopa de açúcar amarelo

Dissolve-se o tamarindo em 2 dl. de água morna. Separa-se o molho dos caroços.

Numa tigela mistura-se o molho do tamarindo, o molho de soja, o açúcar e a colher de farinha de mandioca. Num tacho aquece-se o óleo:

1) Aloura-se a cebola, a seguir o alho e depois o amendoim moído. Em seguida junta-se ao refogado, o molho do tamarindo já preparado com os outros temperos.

Vai-se mexendo sempre até obter um molho mais ou menos espesso. Este molho é adocicado.

2) A carne pode ser de cabrito, vaca ou porco. É mais saboroso com carne de cabrito.

A carne é cortada em cubos com cerca de 1,5 cm com 1 cm de espessura.

Enfie os pedaços da carne em espetos de ferro e asse-os nas brasas voltando-os sucessivamente. Depois de assados regue-os com molho especial e sirva-os nos próprios espetos em que assaram.

ETO BASI (ARROZ DOCE COM LEITE DE COCO)

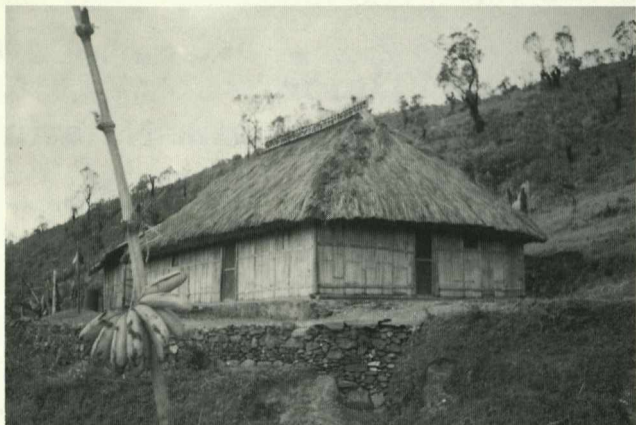
- 1/2 kg de arroz poló
- 1 1/2 l de leite de coco
- 400 gr. de açúcar amarelo (jagra)
- 1 pau de canela para dar cheiro

Abra o arroz em água a ferver durante 5 minutos, escorra-o e deite o arroz no leite de coco previamente fervido. Deixe ferver 5 minutos, acrescente o açúcar e o pau de canela e mantenha a fervura até o arroz ficar bem cozido. Vase num tabuleiro e depois de frio corte em quadrados ou em tamanhos ao gosto e sirva em forminhas de papel.

Timor dos timorenses na objectiva de Elaine Brière



Elaine Brière, fotógrafa canadiana, percorreu Timor Leste em 1974. Munida da sua objectiva, da sua ampla experiência e da sua sensibilidade, fixou rostos, paisagens, momentos do dia-a-dia do povo timorense. Cerca de um ano depois, após a invasão e ocupação da Indonésia, tudo mudara. As fotografias de Elaine Brière são, pois, testemunhos valiosos de uma época e de uma vivência que foi brutalmente alterada e são uma tradução visual da razão de ser da luta do povo timorense.



Catálogo da Exposição

- 1 — Casa típica de Lospalos (Ponta Leste)
- 2 — Pastor lavando o seu búfalo
- 3 — Barco de pesca
- 4 — Rosto/Rapariga
- 5 — Maubere tocando “kfui” (flauta tradicional)
- 6 — Gondoeiro em Ritaboo, Maliana
- 7 — Pormenor de Bambú
- 8 — Rosto (velha bibere)
— Poesia — Não mais sob...
- 9 — Rosto (homem da montanha)
- 10 — Rosto (jovem, transportando milho)
- 11 — Rosto (criança), agarrando um cesto
- 12 — Rosto (rapaz transportando água)
- 13 — Bibere a caminha da horta
- 14 — Pastor de búfalos
- 15 — Vinho de Palmeira — “tua aka” — no recipiente de bambú
Poesia — A minha casa
- 16 — “Knua” — aldeia de Ponta Leste
- 17 — Pormenor superior da casa de Ponta Leste
- 18 — Pormenor inferior de uma casa de Ponta Leste



- 19 — Pormenor do emalhar da rede
- 20 — Pescador
- 21 — Pescador
- 22 — Pescadores puxando o barco
- 23 — Idem
- 24 — A caminho do bazar
- 25 — Galo para o bazar
Poesia — Lâmina nos pés
- 26 — Família a caminho do bazar
- 27 — Criança a caminho do bazar, com o seu porquinho
- 28 — Porquinhos para o bazar
- 29 — Família a caminho do bazar
- 30 — Transporte de panelas de barro para o bazar
- 31 — Produtos de venda no bazar
- 32 — Venda de tabaco no bazar
- 33 — Vendedora de sal
- 34 — Panelas de barro para o bazar
- 35 — Descasque do arroz
Poesia — Canção de embalar
- 36 — Espreitando o visitante
- 37 — Transportando água em panela de barro
- 38 — Rosto de criança com cesto à cabeça
- 39 — Rosto, duas irmãs
- 40 — Utensílios de cozinha
- 41 — Cozinha — “Dapur”
- 42 — Pormenor de gengibre (muito usado na culinária timorense)
- 43 — Dormindo no lântem
Poesia — Circunavegação
- 44 — Cena familiar
- 45 — Cena familiar
- 46 — Mulher tendo a seu lado o cesto com produtos para a masca
- 47 — Rostos (crianças), dois irmãos
- 48 — Tecelagem em tear tradicional
- 49 — Cena familiar
- 50 — Mulheres transportando água
- 51 — Mar/pescadores



Teatro de Timor pelo Grupo Hamutuk Nafatin “Uma História Timorense”

Teatro. Timorense. Forma viva e activa de comunicar, de dialogar com o povo. De não deixar cair no silêncio a identidade cultural de um povo que sonha com o *‘Renascer em Timor’*.

Humutuk Nafatin (Sempre Juntos) dá nome a um grupo de teatro, cujos actores são jovens refugiados timorenses.

O grupo subiu ao palco, pela primeira vez, para assinalar o primeiro aniversário do dia 12 de Novembro de 1991 como uma simulação do Massacre de Santa Cruz. A experiência foi positiva e prosseguiu no intuito de despertar o interesse do mundo para a situação vivida em Timor.

O grupo ganhou novos “adeptos” timorenses e nasceu “Uma História Timorense”, trabalho colectivo sobre a ideia de Tiago Constantino, dirigido por Miguel Loureiro.

São 33 actores que juntos divulgam através da sétima arte as memórias de um povo ávido de paz, conforto e igualdade.

“Uma História Timorense” é uma peça que abranje várias fases de uma mesma vivência: nascer em Timor, morrer em Timor, renascer em Timor.

A TERRA DO GRANDE CROCODILO





ORGANIZAÇÃO:



*Câmara Municipal da Amadora
Departamento de Educação e Cultura*

APOIO:

*Fundação Austronésia Borja da Costa
Comunidade dos Refugiados de Timor
Centro de Cultura de Timor
Grupo Cultural KDADALAK*

